

# Revolução

## MOÇAMBIQUE

### GANHAR TEMPO PARA EVITAR NOVO VIET-NAM





# Revolução



PORTA-VOZ DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

## O CRÍTICO CASTRIM

Há muito que as crónicas do senhor Mário Castrim nos merecem uma posição crítica e política. Este jornalista deu-nos agora ocasião de a expormos. Antes do 25 de Abril, o grande saco que era o "anti-fascismo" também incluía o senhor Castrim. Era também à sombra do mesmo anti-fascismo que as suas crónicas eram recebidas, como na altura era tudo quanto se opusesse ao regime. Foi assim que durante anos a prosa deste senhor foi tida como boa coisa. Ora a verdade é que ele sempre revelou nas suas críticas uma profunda inculcatura e ignorância. Mas como a televisão estava abaixo de qualquer classificação, podíamos dizer que ele era o crítico à altura da televisão que tínhamos arrojando-se a criticar com o mesmo à vontade, música, futebol, teatro, artes plásticas, política e cinema (não reparando certo tipo de público que, realmente, isto é um excesso de... cultura). O crítico Mário Castrim revelou, antes e depois do, 25 de Abril, um profundo desconhecimento das coisas, uma grande mediocridade, enfim, limitações de inteligência insuperáveis por mais cursos que se tenha.

Isto tudo sob a capa do "espírito" e duma falsa cultura superficial e barata.

Ora, pensamos que não se deve abusar de um povo, só porque ele tem poucas condições. Os 40 anos de fascismo e as péssimas condições económico-sociais deste país determinaram que o nível geral de instrução e cultura seja baixo, mas este factor não deve ser usado, para se «abusar» dos meios de informação. Assim como não admitimos que a uma população, só porque tem fome se dê comida estragada, também não admitimos que a população portuguesa se dê cultura estragada.

Acresce que a esta mediocridade de espírito se juntaram depois do 25 de Abril factores de ordem política, o que torna o problema muito mais grave. A partir desta data o Sr. Castrim passou a usar a crítica da TV como tribuna política, o que é justo desde que se guarde certas regras de respeito pelo público. Deveria o senhor Castrim saber e a redacção do jornal reflectir, que

a crítica de televisão de um jornal diário que se diz sem partido não pode ser uma crítica de carácter partidário. Ela seria justa num jornal de partido que não enganava ninguém que tem o nome por baixo do cabeçalho. Ai toda a gente saberia dizer o que querem dizer exactamente as palavras do sr. Castrim. E era lá com ele e com o público, que quando compra o jornal já sabe ao que vai!

Mas num diário sem partido que o inocente leitor compra desprevenido, não se pode fazer prova de cariz fatalmente partidária sem o rótulo a prevenir. E fazer passar gato por lebre, é enganar o público, é desprestigiar uns milhares de leitores.

Pois neste campo o crítico Castrim tem perdido todo o decoro. Serve-se da crítica à TV para daí insultar quantos se opõem às suas opções políticas. E curiosamente essas descargas venenosas atingem sobretudo a esquerda — organizações revolucionárias, movimentos grevistas. Ai o senhor Castrim perde completamente a cabeça.

Mas será interessante reparar no decoro que apresenta quando se trata de manifestações de direita. Como é delicado, reticente, excitante perante a mesa redonda dos donos dos 120 milhões!...

Ah! Senhor Castrim, os seus inimigos, os demónios, estão realmente à esquerda!

Com pena (e nós também) de ter estado em férias quando o PRP-**BR** foi à TV entrevir no programa "Movimentos Políticos e Economia", o crítico da televisão aproveitou a sua fúria contra um outro partido político que não o nosso, tomou o ensejo do nosso comunicado sobre «Jornal do Comércio», fez fogo cruzado, e matou dpis coelhos de uma cajadada. Valente!

Passa portanto a insultar o PRP-**BR** na base daquilo que ele considera a falta de representatividade e o seu pequeno tamanho. Saberá o senhor Castrim o tamanho do PRP-**BR**? Podíamos pensar que o acesso aos arquivos da PIDE o pudesse elucidar. Mas não... a PIDE, que fez das Brigadas Revolucionárias o seu alvo n.º um nos últimos anos, não o sabia. Sabe-o o senhor Castrim? Claro, que o PRP-**BR** muito

humildemente, vive do dinheiro que expropriou aos bancos durante o tempo do fascismo. Não pode portanto dar-se ao luxo de pagar as rendas de 100 sedes e os salários de 500 funcionários. Faça-se as contas, o dinheiro que isso era! Tem que muito modestamente, pesar bem se há-de ter um funcionário nesta cidade ou naquela, quando a organização aí já cresceu muito. E não faz ao contrário, não põe lá um funcionário, para fazer nascer organização. É assim, mas também não pretende ser outra coisa. Não quer rivalizar com o Benfica, quer ser revolucionário.

É estranho que o senhor Castrim desconheça o PRP-**BR**. Consulte o arquivo do seu jornal e verá que desde 1971, a primeira página notícia, com grandes títulos e por várias vezes, acções das Brigadas Revolucionárias. A última foi em Março deste ano. Como a sua memória está falha!

E depois há as que não vieram nos jornais — as lutas nas fábricas, as greves (das de antes de 25 de Abril).

Para o fazer, militantes revolucionários arriscavam a liberdade e a vida. Muitos deles viviam na mais terrível clandestinidade, porque eram perseguidos de morte pela PIDE, que publicava os seus retratos nos jornais e os distribuía por todas as esquadras da policia. A queda do fascismo e os documentos encontrados na PIDE revelaram que a perseguição às Brigadas Revolucionárias era o objectivo n.º 1 da policia. O que se explica, naturalmente. A burguesia sabe muito bem onde está o inimigo.

Para fazer estas acções contra o colonialismo e contra o fascismo militantes armados arriscaram a vida. E dois morreram, Luís e Ernesto, como pode comprovar por leitura dos jornais da época. Já que se esquece (tão depressa, foi há pouco mais de um ano) de alguns heróis deste país.

Por apoiarem as Brigadas Revolucionárias, treze militantes cristãos foram presos em Novembro, sofrendo as piores torturas em interrogatórios da PIDE, que furiosa, queria encontrar uma pista para as Brigadas. Mas o senhor Castrim já se esqueceu!

Enquanto isto o que fazia Mário Castrim? De caneta enriste, via ao serão a Televisão e de manhã escrevia a sua crónica. Como arma, a «Bic», como explosivo essa pobre cabeça, que espremida dá tão pouca coisa! Ah, senhor Castrim como se atreve a vir falar contra aqueles que se bateram de armas na mão.

Mas para si, os heróis do presente são os que estão no Poder. E bem sabemos, que se o tivesse de mão inteira (mas não terá, descansa), em encostava a todos à parede e usava o mesmo despalante

para nos cortar a cabeça com que agora usa a sua política eliminatória no reino das palavras. E tudo em nome da boa verdade!

O crítico Castrim entende que os meios de comunicação — Rádio, Jornais, Televisão — devem dizer todos a mesma verdade, propagar todos a mesma política e indigna-se tal como diz na citada crónica, que a mesma televisão que transmite a entrevista com Vasco Gonçalves também transmite o nosso comunicado. Outros, também, pensavam como ele. Antes do 25 de Abril.

Nós, senhor Castrim, somos pela livre expressão das idéias, pelo debate, pela polémica. E não temos medo de o fazer perante o público. Quem tem medo?

A sua politica discriminatória leva-nos a saber o rol de locutores, noticiários, comentadores, etc., que não são da sua cor politica, pois que, quando da sua prosa quotidiana irrompe, sem razão palpável, uma tenebrosa lava, chega-se rapidamente à conclusão que a vítima apenas pecou por não frequentar o seu clube pois que nestes termos, é mesmo clube...)

É pena, porque o público sem experiência política não adivinha.

Então, desde que o P. S. saiu da CDE/MDP o senhor perdeu completamente a compustura! A propósito e a despropósito o senhor lá vai buscar opção. Andam-lhe a estragar a unidade! Desde que essa desgraça lhe aconteceu, não fala noutra coisa. Parece uma viúva. Veja se se compõe! E foi nessa leva, que nós apanhámos. Para bater no Álvaro Guerra, resolveu bater-nos como tabelal!

Foi a tal boa oportunidade de matar dois coelhos com a mesma cajadada. É um jogo muito viciado e muito mal feito.

Mas estes jogos são o menos. O mais grave das suas crónicas é a fúria que desencadeia contra tudo quanto tem sido movimentos e greves dos trabalhadores em Portugal. Ai o senhor tem sido realmente anti-proletariado, anti-revolucionário tem defendido a sua posição de classe. Mas talvez um dia os trabalhadores da Lisnave, da Carris, da Panificação, dos CTT, da TAP, da informação tão caluniosamente visados por si nas suas crónicas, percam completamente a cabeça, e como não têm acesso às grandes tribunas resolvam recorrer a outros meios. E você convencer-se-á que o proletariado sempre existe.

## MAIS DOIS À SOLTA

Moreira Baptista e Silva Cunha são soltos, mais dois à solta.

Diz-se, no entanto, oficialmente, que o facto de serem soltos não impede que venham a ser julgados e responsabilizados pelos seus actos. E que por outro lado têm residência fixa e não podem sair da área de Lisboa.

Mas esta explicação não nos serve. Porque não acreditamos que tais personagens fiquem tranquilamente em casa à espera do julgamento.

A prisão preventiva destina-se não só a pôr os presos à disposição da policia e da justiça para a instrução do processo como a prevenir que os presos fujam.

Durante o tempo do fascismo, a burguesia não libertava os presos durante o periodo que antecedia ao julgamento porque sabia que eles, na maioria dos casos sairiam para se organizar politicamente e fugir. A burguesia defendia-se como classe.

No caso de uma revolução proletária e dum Estado proletário, os criminosos fascistas ficariam mesmo presos, porque no caso de serem soltos seria para se organizarem e para fugirem. O proletariado defender-se-ia como classe.

Não acreditamos nem na neutralidade, nem no "direito" em abstracto, nem na independência do poder judicial. Na luta de classes, cada classe trava um combate de morte. Quem como nós é pelo proletariado trava um combate de morte contra a burguesia.

Os senhores Moreira Baptista e Silva Cunha estão em liberdade. Podem organizar-se com quem quiserem. Podem fugir. São um perigo real para o próprio regime que os libertou.

Não são homens tranquilos não são cordeiros. Moreira Baptista foi o último Ministro do Interior. Foi ele portanto o responsável directo pela PIDE nos últimos meses do regime. Periodo durante o qual se fizeram das piores atrocidades dos últimos anos; lembramos só as prisões de Novembro e Dezembro. Moreira Baptista é um criminoso.

Entretanto Saldanha Sanchez, militante revolucionário, mantém-se preso.

Assim se prepara o regresso ao fascismo.

E depois digam que quem tem culpa é a esquerda revolucionária.

DIRECTOR INTERINO: ISABEL DO CARMO

Apartado 4117 • Telefone 71 09 82 • Lisboa 4

Composição e Impressão:

Mirandela & C.ª • Rua Vitor Cordon, 27, 1.ª • Lisboa

Distribuidora:

Internacional — Rua de S. Pedro de Alcântara, 63, 1.ª — Lisboa 2

SEMANAL

lê, assina e divulga

REVOLUÇÃO REVOLUÇÃO



## COMO PROSSEGUIR NA LUTA

Se fizermos um balanço da situação política portuguesa, fácil nos é reconhecer que no processo de lutas verificado a partir do 25 de Abril muita coisa de importante se passou e de que resultaram dados que são novos no país. Torna-se hoje tarefa fundamental e prioritária saber-se em que ponto estamos e como prosseguir.

O extraordinário avanço verificado durante este período não foi obra deste ou daquele partido, foi fundamentalmente obra dos trabalhadores, que ultrapassaram tudo quanto se reivindicava como sua vanguarda. Poderá isto parecer pormenor de pequena importância. Não o é, no entanto. Ao contrário, é imprescindível ter em consideração este fenómeno cuja compreensão é condição necessária para prosseguimento e avanço do processo: o facto é que as lutas se travam em movimento e que nesse movimento são constantes as alterações da situação. Ora, acontece que uma organização só consegue estar à altura dos acontecimentos se for capaz de acompanhar essa evolução, para o que naturalmente necessita de evoluir ela também. Ninguém nem nenhuma organização é revolucionária por decreto — é na luta que os militantes e as organizações se revelam como revolucionários ou conservadoras.

### AS INSUFICIÊNCIAS DAS LUTAS TRAVADAS

Não há dúvida que grandes passos foram dados. Mas é tão saudável reconhecer as insuficiências como as virtudes. O carácter autónomo das lutas, a eleição e controlo das comissões por parte dos trabalhadores, os poderes atribuídos à Assembleia de Trabalhadores, são pontos adquiridos. Repare-se, entretanto, que foram patentes as dificuldades em levar até ao fim algumas das últimas lutas, quiçá as mais importantes. Porquê? Naturalmente porque se esgotaram as armas de que os trabalhadores lançaram mão e cuja eficácia é limitada, na situação actual, face às armas da burguesia e da reacção.

Várias foram as Comissões de Trabalhadores que, reconhecendo essas limitações, se esforçaram por vencer o impasse. O problema deve suscitarse desde já amplias discussões entre os trabalhadores revolucionários e organizações. Não há justificação para que alguém cruze os braços e aguarde comodamente que lhe chegue às mãos a solução miraculosa.

### A GRANDE OPÇÃO A FAZER

Creemos chegado o momento de grande opção: ou a estagnação e a paralização ou o avanço que possibilite dar continuidade às lutas até agora travadas. É altura de cada qual se situar no actual contexto sócio-político. A luta de classes não é reversível, os conflitos não são de molde a poderem ser controlados por um poder que, sem qualquer margem de manobra, se vê obrigado a recorrer aos já célebres

"chaimites". A estabilização da democracia burguesa não é mais possível. O dilema é: ou fascismo ou socialismo. E tal como ontem em Chile, a opção põe-se hoje em Portugal. E é escusado querer fugir à questão na medida em que toda e qualquer atitude é já uma opção: voltar costas em aparente atitude de indiferença é pôr a corda no pescoço antes de subir ao cadafalso; pretender que a solução passa pela estabilização da situação e pela colaboração de classes é o repetir inevitável da criminosa aventura chilena; lutar pela conquista de posições em ordem ao confronto final entre burguesia e proletariado é a única via que pode evitar a catástrofe.

### NÃO BASTA SER ANTI-REFORMISTA

Como ontem não bastava o rótulo de antifascismo, não basta hoje o título do anti-reformismo. Cada revolucionário, cada organização deve definir-se claramente nesta situação. Aqueles que, dizendo-se anti-reformistas, pretendem controlar as lutas, atraíam objectivamente a classe na medida em que lhe retiram a única garantia da sua unidade, na medida em que subtraem ao processo a grande fonte de soluções e militantes revolucionários, na medida em que obstatam ao desenvolvimento da consciência de classe no seio das massas. Aqueles que procuram atribuir às lutas um rótulo partidário são contra-revolucionários que procuram matar à nascença a possibilidade da criação de soviets e que colocam desde logo a organização como um fim em si mesmo. Aqueles que sistematicamente recuam cada vez que um obstáculo maior lhes surja no caminho são oportunistas que só desmobilizam a classe não reparando sequer que o dirigente só o é verdadeiramente nos momentos mais difíceis. Aqueles que pretendem ver na organização partidária a condição necessária e suficiente para a libertação do proletariado são reacçãoários paternalistas para quem a classe só conta com força física que os deveria colocar nas poltronas dos ministérios.

Está pois em causa uma questão da maior importância: qual a relação classe-partido e qual o papel deste nas lutas daquela?

### QUAIS AS SOLUÇÕES ORGANICAS?

O estádio actual da luta de classes em Portugal coloca de modo flagrante os trabalhadores perante a necessidade de uma intervenção maior no plano político: a incapacidade do sistema em absorver as reivindicações dos trabalhadores conduz à intervenção do Estado e à imediata politização da luta; é nessa altura que as insuficiências de análise e organizativas das lutas mais claramente se fazem sentir.

Níveis de luta tão importantes como a solidariedade prática de classe só agora começam a manifestar-se. Ora o que desde logo

ressalta é a necessidade da criação de órgãos sindicais de coordenação das lutas, de gestão de fundos de greve, etc. Mas, aqui, o problema põe-se: órgãos sindicais, como? Saldos à "boa" maneira da Intersindical, de não se sabe bem de onde, ou criados a partir das inúmeras comissões de trabalhadores criadas nos últimos meses? Controlados por este ou aquele partido, ou apertados? Controlados burocraticamente por direcções (sejam quais forem) ou permanentemente sujeitos a um apertado e vigilante controlo por parte da classe? Omnipotentes ou sujeitos às deliberações das assembleias de trabalhadores? A

questão é complexa e o debate impõe-se.

### PARA A CRIAÇÃO DE SOVIETES

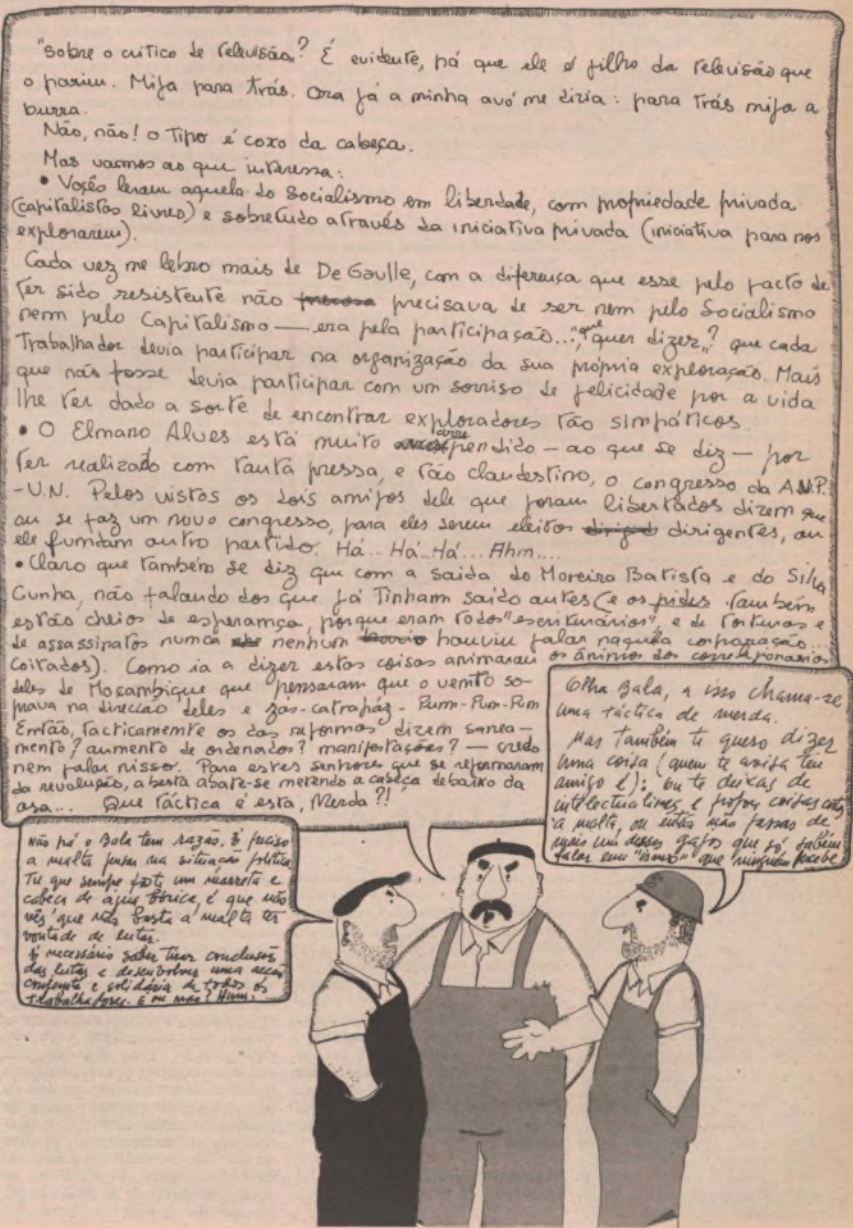
Muitas foram as lutas, onde a falta de uma análise política correcta da situação em que se inseriam, ficaram muito aquém daquilo que poderiam ter sido. É verdade que a existência de comissões políticas autónomas jogou e poderá jogar um papel importante, mas a verdade é que a sua eficiência se vê limitada pelo sectarismo e por divergências ideológicas que não permitam a unidade necessária. Mas é verdade que esses organismos não são controlados pelos trabalhadores, "handicap" que chegou o momento de ultrapassar. Não basta que se fale de soviets, que se diga queremos soviets. É necessário dar passos reais no sentido da criação de condições para o aparecimento de órgãos políticos eleitos e controlados pelos trabalhadores.

É óbvio que passos como este envolvem problemas que estourarão em breve: as organizações que se pretendem detentoras da verdade revolucionária tudo farão para se oporem frontal ou subreptivamente a este passo de primordial importância. As suas funções, o seu funcionamento, a sua orgânica, são aspectos que os trabalhadores devem encarar desde já, devem discutir no sentido de rapidamente se porem de pé tais organismos que finalmente possibilitem a emancipação política do proletariado.

Temos portanto como tarefas prioritárias: — o desenvolvimento de formas superiores de luta como a solidariedade efectiva (greve, recolha de fundos, etc.), formas de defesa perante a intervenção dos órgãos repressivos, etc.

— A criação de órgãos sindicais que coordenem as lutas até agora travadas isoladamente.

— A criação de órgãos políticos autónomos dos trabalhadores capazes de uma perspectiva política das lutas.





# CHILE

## BREVE HISTÓRIA 1933 - 1970

### 1938-1952 — Frente Popular e Governos radicais

Industrialização do país com formação duma burguesia industrial. No final deste período a "defesa da democracia" exigia uma política repressiva. Instalou-se um campo de concentração — Pisagua.

Dividendos americanos: em 1940 — 414 milhões de dólares; em 1953 — 642 milhões de dólares.

Forma-se um novo extracto da Burguesia — empresários, directores de sociedades anónimas, funcionários internacionais.

### 1952-1958 — Populismo ibanhista

Presidência de Ibañez — "General da esperança". Iniciativas de conteúdo popular. Governo sem maioria parlamentar.

Surgem neste período conjuras militares de apoio ao presidente — PUMA (Por uma manhã auspiciosa) e "Linha recta" — que ultrapassou os próprios desígnios de Ibañez.

Em 1952 Pacto Militar com os Estados Unidos.

Em 1957 repressão nas ruas de Santiago — 18 mortos.

### 1958-1964 — Neoliberalismo

Governo de Jorge Alessandri. Triunfo da direita. Massacre da população da localidade José Maria Caro — 8 mortos e muitos feridos.

Dividendos dos EUA: — em 1960 — 739 milhões; em 1965 — 845 milhões.

### 1964-1970 — Democracia-Cristã

Governo de Eduardo Frei. Intitula-se "Revolução em Liberdade".

Reforma agrária contra a burguesia terratenente. Fortalecimento dos novos extractos da burguesia, do sistema capitalista e da dependência. O Banco de Estado financiou largamente a iniciativa privada.

Em 1968 os dividendos americanos atingiram 963 milhões. 11 de Março de 1966 — assassinato dos mineiros de El Salvador — 8 mortos e 37 feridos.

9 de Março de 1969 — 9 mortos e 30 feridos. Julho de 1970 — Assassinato de dois estudantes em Puente Alto. Grande desenvolvimento das lutas dos trabalhadores.

### 4 de Setembro, de 1970 — Vitória da Unidade Popular Salvador Allende

## PODER POPULAR PARA UNIR FORÇAS

A intenção golpista de 29 de Junho tornou patente a necessidade dos organismos do Poder Popular para a luta revolucionária do povo.

... Há que partir do facto que estão em luta duas maneiras diferentes de caracterizar o processo e de focar a sua saída. Na direcção da CUT (Central Unica de Trabalhadores) domina o critério dum sector do PC, segundo o qual a luta do povo deve desenvolver-se dentro de marcos institucionais. Opõe-se frontalmente à existência dum Poder Popular.

...Este Poder Popular não pode ser uma alternativa diferente da ordem burguesa e independente do Governo. Neste ponto de vista, como responderam os «Córdons In-

dustriais», as novas organizações não podem estar subjugadas à CUT, que inclusivamente ocupa cargos no Governo. Foi depois desta negativa dos Córdons Cerrillos e Vicuña Mackenna para sujeitar-se à CUT, que os revolucionários desta ordenou substituí-los por Córdons «fantasmas» aparecidos do acordo com o debilitado grupo de Gazmuri e dirigentes democrata-cristãos. Quando Figueroa e Allende pedem que o Poder Popular não seja alternativo em relação às instituições estão negando o Poder Popular".

Augusto Carmona  
31 de Julho de 1973

# sobre a tática e estratégia do MIR

1. — Levando à prática as suas concepções estratégicas, reformistas e revolucionárias — embora fazendo frente comum quando se tratava de frenar as investidas da reacção enfrentaram-se permanentemente em todos os terrenos. No que diz respeito ao imperialismo, os revolucionários exigiram a expropriação sem indemnização das propriedades estrangeiras, inclusive a laminaria de cobre, e a suspensão do pagamento da dívida externa; os reformistas bateram-se pela renegociação da dívida, e ao nacionalizar o cobre, ainda procuraram recursos legais para não pagar a indemnização recorreram ao Congresso Nacional, permitindo que os partidos burgueses se associassem a essa conquista do movimento popular. No que diz respeito à burguesia, os revolucionários propuseram a expropriação de todas as grandes empresas produtoras e distribuidoras assim como uma nova reforma agrária que entregaria aos camponeses as fazendas nas mãos da burguesia agrária (com mais de quarenta hectares de rego básico), os reformistas limitaram a 91 o número de empresas a expropriar, deixando nas mãos da burguesia inclusive as grandes distribuidoras de alimentos e outros bens essenciais e limitaram-se a aplicar a lei de reforma agrária legada pelo Governo democrata-cristão de Eduardo Frei, o qual feria somente a facção latifundiária, se bem que lhe daria a possibilidade de se converter numa verdadeira burguesia agrária (direito à reserva de 80 hectares de rego básico). No que diz respeito ao movimento de massas, os revolucionários impulsionaram as mobilizações camponesas e das camadas mais atrasadas do proletariado e semi-proletariado, com o propósito de integrá-las no bloco de classe liderado pela classe operária, e não retrocederam ante a tarefa de encabeçar e organizar as formas de luta espontâneas que o povo punha em prática, tais como as ocupações, de terra no campo, as ocupações de terras nas cidades, as ocupações de fábricas; os reformistas, em contrapartida lançaram-se sempre contra a mobilização independentemente e contra as suas formas de luta, não vacilando inclusive em situações pontuais ao recorrer à repressão policial.

No que diz respeito às medidas a adoptar ante a ofensiva económica da burguesia, que tomava a forma de não reconversão de utilidades, do açambarcamento de mercadorias e da especulação, os revolucionários exigiram medidas para expropriar os lucros não reinvestidos (além da expropriação das grandes empresas), o controle de massas sobre a distribuição e o controle operário da produção; os reformistas negaram-se a adoptar essas medidas e preferiram no fundamental, confiar ao aparelho burocrático e policial do Estado burguês o combate ao açambarcamento e à especulação. No que diz respeito às Forças Ar-

madas, os revolucionários exigiram o direito de voto e outras medidas democráticas para os oficiais inferiores e os soldados, assim como a sua incorporação nos organismos populares que tinham como fim controlar a distribuição de bens, com o propósito de facilitar a sua inserção, na vida política e abrir a instituição militar aos embates da luta de classes; os reformistas preferiram encontrar alianças no corpo de generais, deixando nas suas mãos o controle da instituição militar e proclamando a neutralidade desta em relação às lutas políticas e sociais.

Enfim, no que diz respeito, à política do poder, os revolucionários impulsionaram a organização da classe operária nos Córdons Industriais, assim como a criação dos comandos comunais, como órgãos de luta e gérmenes embrionários de poder, no seio dos quais a classe operária podia concretizar pelo contrário, opuseram-se a esses órgãos de poder popular e mantiveram-se encarcerados na legalidade burguesa, nas manobras parlamentares e no respeito pelas instituições do Estado controladas pela burguesia, sonhando com a possibilidade de aumentar o seu próprio peso no Estado através das eleições presidenciais de 1976.

2. — Foi na base das concessões outorgadas pelos reformistas, fiéis à sua estratégia, e das vacilações dos sectores da Unidade Popular que, embora sensibilizados pela estratégia do MIR, não se atreveram a cerrar fileiras com ele para en-

opções claras nos momentos críticos da luta de classes. O preço desta derrota pagam-no hoje toda a esquerda e as massas trabalhadoras da cidade e do campo.

3. — A Junta Militar que assumiu o Governo, após o golpe de estado, revelou-se como um instrumento do grande capital chileno e imperialista. A sua política repressiva representou para a classe operária e o povo milhares de mortos e detidos, a supressão das liberdades mais elementares e um regime de calor. Aumentou o dia de trabalho ao mesmo tempo que os salários reais baixaram com o propósito de se dar passagem à super exploração desenfreada dos trabalhadores. Os presos foram multiplicados por 10, por 20 e até por 30, excluindo as amplas massas do mercado de bens de primeira necessidade, restabelecendo os privilégios das camadas mais altas e dando origem a uma estrutura de consumo destinada a sustentar um desenvolvimento industrial voltado para os grupos de altas receitas e para a exploração. As fábricas e os fundos foram devolvidos aos antigos patrões, abriram-se as portas da economia ao capital imperialista e pôs-se em prática uma política externa de subordinação ao subimperialismo brasileiro e ao imperialismo norte-americano.

Contribuição para os trabalhos da Conferência Europeia de Solidariedade com o Chile, Frankfurt. Abril de 1974. (Estratos)



frentar o inimigo de classe, que a reacção nacional e estrangeira pode retomar a ofensiva, reunir em torno de si uma base social, alterar em seu favor a correlação de forças no seio da instituição militar e desencadear a contra-revolução de 11 de Setembro de 1973. Tal como declarou o nosso Secretário-Geral Miguel Enriquez, o que fracassou no Chile não foi o socialismo nem a revolução proletária, mas sim o reformismo, que arrastou na sua queda o centrismo de esquerda, quer dizer, o sector incapaz de fazer

ESCREVE-NOS  
PARA O  
APARTADO  
N.º 4117



DOCUMENTO COMUM DOS

## MOVIMENTOS

# ARMADOS DA AMÉRICA LATINA

O Movimento de Libertação Nacional (Tupamaros) do Uruguai, o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) do Chile, o Exército de Libertação Nacional (ELN) da Bolívia, o Exército Revolucionário do Povo (ERP) da Argentina, assinam a presente declaração para fazerem conhecer aos operários, aos camponeses pobres, aos pobres da cidade, aos estudantes e intelectuais, aos nativos, aos milhões de trabalhadores explorados da nossa sofrida pátria latino-americana, a sua decisão de unir-se numa Junta de Coordenação Revolucionária.

Este passo importante é o produto de uma necessidade sentida, da necessidade de agregar os nossos povos no terreno da organização, de unificar as forças revolucionárias frente ao inimigo imperialista, de travar com maior eficácia a luta política e ideológica contra o nacionalismo burguês e o reformismo.

Este passo importante é a concretização de uma das principais ideias estratégicas do comandante Che Guevara, herói, símbolo e precursor da revolução socialista continental. É também um passo significativo que tende a retomar a tradição fraternal dos nossos povos que souberam unir-se e lutar como um só homem contra os opressores do século passado, os colonialistas espanhóis.

### A NOSSA LUTA É ANTI-IMPERIALISTA

Os povos do mundo vivem a ameaça permanente do imperialismo mais agressivo e rapinante que jamais existiu. Presenciaram, não com indiferença, o genocídio organizado e dirigido pelo imperialismo yanqui contra o heróico povo vietnamita. Nesta guerra desigual, cujas chamas ainda não se extinguíram, mostrou de corpo inteiro o carácter belicista e pífido do imperialismo do norte. Mas, nesta guerra, em contrapartida e uma vez mais, ficou demonstrada a debilidade do seu sistema e ainda todo o seu poderio militar frente a um povo disposto a lutar e decidido a ser livre a qualquer preço.

Os povos-americanos, desde o século passado até aos nossos dias, suportam o pesado jugo colonial ou neocolonial dos imperialistas; sofreram consecutivamente intervenções militares e guerras injustas executadas ou fomentadas, quer pelo exército norte-americano, quer pelos monopólios multinacionais.

Assim, vemos o espólio do México, a ocupação de Porto Rico, a intervenção em Santo Domingo, vemos Pleya Girón e muitos outros factos bélicos que a nossa América não esquece e não perdoará jamais.

Assim, aí temos a Shell, a Esso e a Standard Oil, a United Fruit, a ITT, o dinheiro de Mister Rockefeller e Mister Ford. Aí temos a CIA que

com Papy Shelton, Mitrirose, Siracusa, deixou marcas indeléveis da política avassaladora e prepotente dos EEUU contra o movimento popular na América Latina.

### A AMÉRICA LATINA MARCHA PARA O SOCIALISMO

Em 1 de Janeiro de 1959 com o triunfo da Revolução Cubana inicia-se a marcha final dos povos latino-americanos para o socialismo, para a verdadeira independência nacional, para a felicidade colectiva dos povos.

É a justa e aberta revolta dos explorados da América Latina contra um bárbaro sistema neocolonial capitalista imposto desde os fins do século passado pelo imperialismo yanqui e europeu, que com a força, o engano e a corrupção se apoderaram do nosso continente. As cobardes burguesias crioulas e seus exércitos, não souberam honrar o legado revolucionário libertador da gloriosa luta anticolonial dos nossos povos que conduzidos por heróis como Bolívar, San Martín, Artigas e tantos outros, conquistaram a independência, a igualdade e a liberdade.

As classes dirigentes, defendendo mesquinhos interesses de grupo, uniram-se aos imperialistas, colaboraram com eles, facilitaram a sua penetração económica, entregando progressivamente o controlo da nossa economia à voracidade insaciável do capital estrangeiro. A dominação económica engendrou o controlo e a subordinação política e cultural. Assim se fundou o sistema capitalista neocolonial que vem explorando, oprimindo e deformando desde há cem anos, as classes trabalhadoras do nosso continente.

Desde o princípio do século que a classe operária começou a levantar-se contra este sistema, desdobrando-a, então pouco conhecida, bandeira do socialismo, unida indissolivelmente à bandeira da independência nacional promovendo o despertar dos camponeses, dos estudantes, do mais são e revolucionário dos nossos povos.

O Anarquismo, o Socialismo e o Comunismo como movimentos organizados da classe operária colocaram-se com energia e heroísmo à frente, na mobilização de amplas massas, pilares indeléveis da luta revolucionária. O lendário líder nicaraguense Augusto César Sandino, trabalhador metalúrgico, dirigiu no seu pequeno país uma das mais heróicas dessas batalhas, quando o seu exército guerrilheiro derrotou as tropas intervencionistas norte-americanas em 1932. Foi nessa década de 30 quando os nossos povos desenvolveram em todo o continente um formidável movimento de massas que se pôs em cheque a dominação neocolonial homogeneizada pelo imperialismo yanqui, inimigo número um de todos os povos do mundo.

No entanto essa formidável

mobilização revolucionária de massas não foi coroada pela vitória. A activa intervenção contra-revolucionária política e militar, directa e indirecta do imperialismo yanqui, unida às deficiências do anarquismo, das correntes socialistas e dos Partidos Comunistas, foram as causas de uma derrota temporária. A maioria dos Partidos Comunistas, os mais conscientes, consequentes e organizados desse período caíram no reformismo. Alguns deles como o heróico e aguerrido Partido Comunista Salvadorense sofreram cruéis derrotas com dezenas de milhares de mortos. Por isto, o impetuoso auge das massas desviou-se do seu caminho revolucionário e caiu sob a influência e direcção do nacionalismo burguês, via morta da revolução, recurso inteligente e demagógico que encontraram as classes dirigentes para prolongar com o engano a vigência do sistema capitalista neocolonial.



**SOLDADO NO MUERAS POR LOS PATRONES. VIVE LUCHANDO JUNTO AL PUEBLO.**

**SOLDADO DESOBEDECE A LOS OFICIALES QUE INCITAN AL GOLPE**



A partir do formidável triunfo do povo cubano, que sob a hábil e clarividente condução de Fidel de Castro e um grupo de dirigentes marxistas-leninistas logrou derrotar o exército batistiano e estabelecer na ilha de Cuba, nas próprias barbas do imperialismo, o Primeiro Estado Socialista Latino-Americano, os povos do continente viram fortalecida a sua fé revolucionária e iniciaram uma nova e profunda mobilização de conjunto.

Com acertos e erros os nossos povos e as suas vanguardas lançaram-se com a decisão na luta anti-imperialista pelo socialismo. A década de 60 viu sucederem-se ininterruptamente grandes lutas populares, violentos combates guerrilheiros, poderosas insurreições de massas. A guerra de Abril, insurreição geral do povo dominicano, obrigou a uma intervenção directa do imperialismo yanqui que teve que enviar 30 000 soldados para sufocar com o massacre esse magnífico levantamento.

A lendária figura do comandante Che Guevara personificou, simbolizou todo esse período de luta e a

sua morte heróica assim como a sua vida exemplar e a sua clara concepção estratégica marxista-leninista, abre e elimina o nosso auge revolucionário dos nossos povos que cresce dia a dia em poderio e consistência, parte das fábricas, dos povos, do campo e das cidades e se desprende incontível de todo o continente.

É o definitivo despertar dos nossos povos que põe em pé milhares e milhões de trabalhadores e que se encaminha inexoravelmente para a segunda independência, para a definitiva libertação nacional e social, para a definitiva eliminação do injusto sistema capitalista e o estabelecimento do socialismo revolucionário.

### A LUTA PELA DIRECÇÃO DO MOVIMENTO DE MASSAS

Mas o caminho revolucionário não é fácil, nem simples. Não somente

a elas, ganhando assim a direcção das mais amplas massas, para dotar os nossos povos de uma consequente direcção revolucionária que nos conduza com constância, inteligência e efectividade para a vitória final.

O nacionalismo burguês é uma corrente apadrinhada pelo imperialismo que se apoia nele como variante demagógica para distrair e desviar a luta dos povos quando a violência contra-revolucionária perde a eficácia.

O seu núcleo social é constituído pela burguesia pró-imperialista ou um embrião dela, que pretende enriquecer-se sem medida, disputando com a oligarquia e burguesia tradicional os favores do imperialismo a troco de se prestar ao papel de bombeiros do incêndio revolucionário, procurando influência popular e capacidade de negociação ante a mobilização das massas. Na sua política de engano esgrimam um anti-imperialismo verbal e tentam confundir as massas com a sua tese nacionalista preferida, a terceira posição. Na realidade não são anti-imperialistas, encontram-se sim comprometidas com novas e mais subitas formas de penetração económica estrangeira.

O reformismo é pelo contrário uma corrente que nascida no próprio seio do povo trabalhador, reflecte o temor, de sectores da pequena burguesia e da aristocracia operária. Caracteriza-se em recusar por todas as formas a justa e necessária violência revolucionária como método fundamental de luta pelo poder, abandonando assim a concepção marxista da luta de classes. O reformismo difunde entre

Continua pág. 6

### Dum documento da Comissão Política do M. I. R. de Dezembro de 1973:

“... Os perigos e as ilusões e desvios pequeno burgueses e reformistas não desaparecem por obra da repressão, persistem se bem que adoptem novas formas. A pequena burguesia democrática tende naturalmente a subordinar-se e com ela a arrastar sectores populares à luta inter-burguesia e, pelo menos no início, tende a afastar a acção armada e a esperar a “transição pacífica” para a democracia como consequência de “pressões” (internacional, igreja, etc.).

O reformismo tem enorme esperança nas contradições inter-burguesias e dentro da alta oficialidade das F. A., visto que privilegia a sua aliança com a pequena burguesia democrática e resiste às formas armadas de luta; e a luta pelas liberdades democráticas não é posta como um meio de acumulação de forças para ir mais além, mas sim com objectivo para um dado momento”.



# CHILE

## DOCUMENTO COMUM DOS MOVIMENTOS ARMADOS DA AMÉRICA LATINA

Continuação pág. 5

as massas nocivas ideias pacifistas e liberais, enaltecem a burguesia nacional e o seu exército contra-revolucionário, com quem constantemente trocam alianças e supervalorizam a importância da legalidade e do parlamentarismo. Um dos seus argumentos preferidos é que é necessário evitar a violência e relacionar-se com a burguesia e os «militares» procurando uma via pacífica que evite o derrubamento de sangue das massas no seu caminho para o socialismo, rotunda e dolorosamente refutada pelos factos. Ali onde o reformismo impôs a sua política conciliadora e pacifista as classes inimigas e os seus exércitos executaram os maiores massacres contra o povo. A proximidade da experiência chilena com mais de 20 000 homens e mulheres trabalhadores assassinados eximidos de mais comentários.

Frete ao nacionalismo burguês o reformismo e outras correntes de menor importância, em constante luta ideológica e política com elas, levanta-se o povo armado, o povo revolucionário que dia a dia se consolida no seio das massas, aumentando a sua influência, melhorando a sua capacidade política e militar, convertendo-se cada vez mais numa opção real para a independência nacional e o socialismo.

Precisamente para contribuir para o fortalecimento desse pólo revolucionário à escala continental, as quatro organizações que assinam esta declaração, decidiram constituir a presente JUNTA DE COORDENAÇÃO REVOLUCIONÁRIA em torno da qual e de cada uma das organizações nacionais, chamam a organizar-se e a combater em conjunto, toda a vanguarda revolucionária operária e popular da América Latina.

Isto significa naturalmente que as portas desta Junta de Coordenação estão abertas às organizações revolucionárias nos distintos países latino-americanos.

### A EXPERIÊNCIA DAS NOSSAS ORGANIZAÇÕES

O MLN Tupamaros, o Movimento de Esquerda Revolucionária, o Exército de Libertação Nacional (ELN), o Exército Revolucionário do Povo (ERP), no decurso da sua luta patriótica e revolucionária, foram compreendendo a necessidade de se unirem, foram afirmando por experiência própria a sua concepção internacionalista, compreendendo que ao inimigo imperialista e capitalista que está unido e organizado devemos opor a mais férrea e estreita unidade de nossos povos.

Um partido de combate marxista-leninista, de carácter proletário, capaz de centralizar dirigir, unindo num só potente feiche, todos os aspectos da luta popular, garantindo uma direcção estratégica justa. Que sob a direcção do partido proletário é necessário estruturar um poderoso exército popular, núcleo de aço das

um maior aproveitamento das potencialidades de nossos povos até erigir uma poderosa força revolucionária capaz de derrotar definitivamente a reacção imperialista-capitalista, aniquilar os exércitos contra-revolucionários expulsar o imperialismo yanqui e europeu do solo Latino-Americano, país por país, e iniciar a construção do socialismo em cada um dos nossos países para chegar ao dia de amanhã, da mais completa unidade Latino-Americana, lograr esse sagrado objectivo não será fácil, a crueldade e força do imperialismo tornará necessário como o vislumbrara o comandante Guevara, desenvolver uma cruenta e prolongada guerra revolucionária que fará do continente Latino-Americano um segundo ou terceiro Vietnam do Mundo. Mas, seguindo o glorioso exemplo do heróico povo vietnamita, nós trabalhadores latino-americanos sabemos combater sem desmaios, com crescente eficácia, desenrolando em toda a sua intensidade, as imbatíveis energias das massas esmagar o imperialismo yanqui e seus agentes, conquistando assim a nossa felicidade poderosamente para a destruição definitiva do inimigo principal da classe trabalhadora internacional, do socialismo de todos os povos do mundo.

### O NOSSO PROGRAMA

Um dos a compreensão de que não há outra estratégia viável na América Latina senão a estratégia da guerra revolucionária. Que essa guerra revolucionária é um complexo processo de luta de massas, armado e não armado, pacífico e violento, desde todas as formas de luta se desenvolvem harmonicamente convergindo em torno do eixo da luta armada. Que para o desenvolvimento vitorioso de todo o processo de guerra revolucionária é necessário mobilizar todo o povo sob a direcção do proletariado revolucionário. Que a direcção proletária da guerra se exercita por os objectivos estratégicos das classes exploradas.

### POVO LATINO-AMERICANO EM ARMAS

Vivemos momentos decisivos da nossa história nessa consciência o M. L. N. Tupamaros, o Movimento de Esquerda Revolucionária MIR, o Exército de Libertação Nacional ELN, e o Exército Revolucionário do Povo ERP, chamam todos os trabalhadores explorados latino-americanos, a classe operária, os camponeses pobres, os pobres da cidade, os estudantes, e intelectuais, os cristãos revolucionários e todos aqueles elementos que provêm das classes exploradas mas dispostos a colaborar com a justa causa popular, a tomar com decisão as armas e incorporar-se activamente na luta revolucionária anti-imperialista e pelo socialismo que já se está travando no nosso continente sob a bandeira e o exemplo do comandante Che Guevara.

Liberdade ou Morte (MLN Tupamaros)

Vencer ou morrer pela Argentina (ERP)

Pátria ou morte venceremos (MIR)

Vitória ou morte (ELN)

# REVOLUÇÃO

# UNION DO POBO GALEGO COM O POVO CHILENO

GALIZA, 8 de Setembro

Ao cuidado da camarada directora do semanário "REVOLUÇÃO".

Camaradas do Partido Revolucionário do Proletariado — Brigadas Revolucionárias; decidimos enviar-vos esta carta ao cuidado da direcção do vosso Portavoz para manifestar o nosso agradecimento pela colaboração e o apoio à luta que o Povo Galego leva a cabo contra o estado fascista e colonialista espanhol, mediante a divulgação da realidade galega entre o povo português, feita através do "Revolução" (n.º 9 e n.º especial de Agosto).

Juntamente com esta carta enviamos um comunicado manifestando a nossa solidariedade com o povo do Chile na sua luta contra o fascista Pinochet e contra o imperialismo americano. No caso de vos ser possível agradeceríamos que o publicassem no próximo número do "Revolução", pela ocasião da jornada de solidariedade com o povo do Chile.

Seguros de sermos atendidos, voltamos a expressar o nosso agradecimento pela vossa solidariedade com o nosso povo.

Saudações Revolucionárias  
UNION DO POBO GALEGO

A LUTA DO POVO CHILENO É A LUTA DE TODOS OS POVOS DO MUNDO CONTRA O FASCISMO, CONTRA O CAPITALISMO, CONTRA O IMPERIALISMO — PELO SOCIALISMO.

### Da UNION DO POBO GALEGO AO POVO CHILENO:

No momento em que a vanguarda mais consciente do novo Portugal, livre do fascismo, leva a cabo o dever histórico de apoiar os povos oprimidos do mundo, a UNION DO POBO GALEGO, faz uso dos laços fraternais que nos aproximam aos movimentos revolucionários portugueses, e cumpre com o seu dever, não faltando a este encontro com o povo do Chile, manifestando a nossa total identificação com os seus interesses revolucionários, desejando o mais imediato restabelecimento das liberdades a que têm direito, apoiando a luta que levará à queda do regime assassino do fascista Pinochet e ao restabelecimento do caminho que conduzirá o povo chileno ao socialismo.

O povo galego é profundamente conhecedor, porque a sua experiência o obriga a sofrer dia a dia, do alcance da brutal repressão que o povo Chileno está a padecer debaixo da ditadura fascista de Pinochet. Um assassino da mesma talha, Franco, obrigou-nos a sofrer uma história que tem muito em comum com os acontecimentos do Chile, e com os acontecimentos do recente passado português de 48 anos de ditadura fascista derrubada no 25 de Abril: assassinatos, torturas, prisões, perseguições, e brutal repressão dos mais elementares direitos e liberdades do homem.

Por tudo isto, a derrota e o massacre sofrido pelo Povo Chileno fez estremecer o Povo Galego.

Aqui na Galiza observou-se o desenvolvimento do Chile, sob a direcção de Allende, com interesse e expectativa: interesse e alegria pelas transformações positivas que se levavam a cabo e expectativa perante as escassas garantias de êxito oferecidas pela política, em parte dum honradez exemplar, mas noutra dum perigosa confiança na integridade das direitas, que caracterizou Salvador Allende.

A triste experiência histórica do Chile demonstrou ao mundo a qualidade, a honradez e a integridade que intrinsecamente encerram todos os movimentos populares, e a sede assassina e vingativa que se esconde no seio dos movimentos burgueses da DIREITA, no seio de qualquer movimento inspirado na "via" "yanqui", no seio das manobras inspiradas e dirigidas pelo imperialismo americano.

Face a este acontecimento histórico, com a experiência do sangue vertido pelo povo Chileno, e a aplicação constante da mais brutal repressão assassina sobre o povo do Chile, ficou perfeita e suficientemente demonstrada a necessidade da Violência Revolucionária como integrante imprescindível da luta dos povos para se livrarem da opressão capitalista e do imperialismo, por uma sociedade mais justa e sem classes, Pelo Socialismo. E ficou perfeitamente demonstrado a impossibilidade da Via Reformista, da passagem ao socialismo pela via pacífica: via que submergiu o povo Chileno na actual situação.

Agita-nos a mesma inquietação quanto a Portugal desde o 25 de Abril. E, nesta ocasião, fazemos uma advertência ao povo português para que não confie na DIREITA, que não se deixe surpreender, mantendo-se em constante vigilância e tomando como exemplo o acontecido no Chile. Saiba prever o que pode suceder no caso de se dar uma oportunidade à direita, ou se se deixar "guiar" pelo reformismo.

QUE NÃO SE VOLTÊ A REPETIR OUTRO CHILE!!!

A UNION DO POBO GALEGO faz-se porta-voz do Povo Galego para expressar a sua solidariedade para com o povo Chileno e junta-se ao povo português na sua manifestação de adesão à causa do povo Chileno.

CONTRA O FASCISMO  
CONTRA O CAPITALISMO  
CONTRA O IMPERIALISMO  
PELO SOCIALISMO

UNION DO POBO GALEGO  
GALIZA, 8 de Setembro



# LUTA DOS TRABALHADORES

## JORNAL DO COMÉRCIO

Se é verdade que o fluxo de lutas diminuiu consideravelmente com o aproximar de Agosto, é também verdade que as últimas dessas lutas têm assumido, através do seu conteúdo, da firmeza dos trabalhadores e das reacções no seio da classe, uma importância enorme.

É o caso da justa luta dos trabalhadores do "Jornal do Comércio" que já desencadeou uma forte movimentação no seio dos trabalhadores de toda a imprensa, dos trabalhadores do grupo Borges (a que pertence o jornal) e obrigou a uma tomada de posição dos vários partidos e grupos políticos. Essa a razão porque neste momento a luta ultrapassou os portões do jornal, o grupo Borges, a imprensa, e se tornou numa luta dos trabalhadores em geral.

"Há um ponto do caderno reivindicativo que é indialogável: o saneamento do administrador Carlos Machado" dizem-nos dois delegados dos trabalhadores. Assim põem os trabalhadores como objectivo primeiro da sua luta o saneamento de um individuo que, para além da incompetência profissional, é altamente reacçãoário no tratamento dado aos trabalhadores (insultos dos mais baixos a homens e mulheres) a quem vê como escravos — "Temos 100% de razão" afirmam convictos os trabalhadores que lançaram à administração o desafio dum debate na TV com a presença de Carlos Machado.

Outro aspecto da luta: a sua autonomia em relação a qualquer ingerência partidária. "Tem havido tentativas de partidos para se infiltrarem na luta. Houve mesmo uma organização que pretendia, através de mim comunicado, dar a entender que se tratava de uma luta controlada por ela — o que pro-

vocou a natural reacção por parte dos trabalhadores. Uma coisa é A ou B —, de entre os trabalhadores, ser militante de um partido — tem esse direito — outra coisa é pretender que a luta obedeça às directivas e interesses desse partido".

A expressão mais elevada desta luta foi (e é) o desencadear de amplo movimento de solidariedade que tem assumido várias formas:

— Greve de solidariedade da imprensa a que apenas não aderiu o jornal "O Século".

— Angariação de fundos através da contribuição com o salário de um dia de trabalho (a que aderiram já os jornais do Porto, o Século e outras empresas do grupo Borges e a que se esperam adirir todos os restantes jornais de Lisboa, bem como outras empresas);

— Cedência de espaço ou tempo nos jornais e rádio para divulgação de comunicados de trabalhadores. Ao mesmo tempo, os trabalhadores encaram a possibilidade de levarem a cabo iniciativas que, para além da recolha de fundos, possibilitem um debate público a todos os trabalhadores para discussão dos problemas comuns.

A solidariedade não é entendida unilateralmente pelos trabalhadores do "Jornal do Comércio": "50% da receita de venda do jornal de greve reverterá a favor dos revendedores, naturalmente afectados pelo não saída do jornal".

De acordo com o comunicado do PRP-BR acerca desta justa luta, "Revolução" manifesta a sua solidariedade para com os trabalhadores do "Jornal do Comércio" e apela para um mais amplo movimento de solidariedade por parte de todos os trabalhadores, a quem objectivamente interessa esta luta.

## PROPAM

### «OS TRABALHADORES NÃO COMEM CALMA»

A PROPAM é uma fábrica com cerca de 140 trabalhadores, dos quais 70 estão nas instalações em Setúbal e os outros 70 nos escritórios em Lisboa, em delegações e na distribuição. É uma empresa nova, com dois anos de existência — na altura das melhor apertadas da Europa — e que tem todas as condições para vingar — segundo nos disse um elemento da Comissão de Trabalhadores. Abastecido 35 % do mercado, sendo os restantes 65 % abastecidos por uma firma concorrente de Matosinhos, cujos donos são holandeses.

Tendo os trabalhadores um pedido de aumento de salários em Janeiro passado —, este só lhes foi concedido em Abril, passando eles a ter os seguintes vencimentos: laboratório 5800\$00, fermentação 5000\$00 e outros (escritórios, distribuição) 4500\$00.

«Para um trabalhador merecer o dinheiro que ganha, é necessário mostrar o dinheiro numa mão e ter o chicote na outra», afirma o Presidente do Conselho de Administração, o sr. Pedroso, conhecido entre os trabalhadores pelo «carrasco» por causa de afirmações como esta e atitudes do género.

Apresentaram os trabalhadores, em Maio, novas reivindicações salariais que não eram exorbitantes — segundo afirmou esse elemento da Comissão de Trabalhadores — tendo a administração dado como resposta que não havia dinheiro e que portanto era impossível satisfazer tal aumento de salários. Um pouco mais tarde telefonaram para o chefe de turno, dizendo-lhe que arranjasse emprego, pois a fábrica ia fechar.

Perante a perspectiva de ficarem sem trabalho, os trabalhadores da PROPAM decidiram exigir o saneamento do principal responsável por tais medidas, o administrador

Pedroso, tentando provar que houvera má administração da empresa por parte daquele. Investigando por conta própria, verificam que «havia cerca de 48 mil contos de prejuízo, o que para uma firma com dois anos de existência é uma soma enorme».

O saneamento do administrador Pedroso e o facto de este não ter pago os salários correspondentes ao mês de Agosto, foram factores que fizeram com que os trabalhadores entrassem em greve no dia 28 desse mês, tentando também por esse meio exercer pressão sobre o «Ministério e as entidades oficiais no sentido de tomarem uma decisão e resolverem o problema o mais depressa possível, contando para isso com a falta de fermento no mercado, pois a firma concorrente não pode abastecer todo o país». Outro factor importante, foram os despedimentos massivos que a administração começou a fazer, nomeadamente nos escritórios da firma em Lisboa onde todos os trabalhadores foram despedidos bem como dois outros da fábrica de Setúbal.

Depois de terem apresentado o caso no Ministério do Trabalho, conseguiram os trabalhadores a colaboração de três elementos das forças armadas que, depois de terem feito um inquérito na fábrica, apresentaram um relatório aos ministérios do Trabalho, Justiça e Economia, onde confirmavam que tinha havido efectivamente má gestão por parte do sr. Pedroso. Este, durante o inquérito, chegou mesmo a apresentar actas forjadas de reuniões do Conselho de Administração.

Algum tempo depois, numa reunião no Ministério do Trabalho, foi criada uma comissão intersindical, composta de elementos dos ministérios da Justiça, Economia e Finanças, para investigar de novo

as contas da empresa e avaliar da responsabilidade do sr. Pedroso na má administração da mesma.

O processo tem que seguir e respeitar todas as formas burocráticas que esses Senhores se impõem, apesar de, para os trabalhadores, a situação ser desesperada.

E no Ministério do Trabalho aconselham a ter calma «para não estragar o que está feito», mas, como diz um trabalhador, «uma coisa é certa: os trabalhadores não vão comer «calma» ao pequeno almoço, nem pagar a renda de casa com «calma» e também não é com «calma» que se alimenta uma família».

Enquanto se pede calma aos trabalhadores, o Pedroso avança: já diz que só pagará os salários em atraso se retirarem o pedido de saneamento.

Final de que lado da barreira está o Ministério?

ESCREVE-NOS  
PARA O  
APARTADO  
N.º 4117



## CARTA ABERTA AOS OPERÁRIOS DA EFACEC-INEL

Camaradas: nós que enchemos os bolsos aos capitalistas com o vigor dos nossos braços, nós que regamos o trabalho com o nosso suor, e quantas vezes com sangue, não podemos adormecer à custa do que já conquistámos.

Teremos de nos unir todos, como classe mais explorada que somos para combater o capitalismo e seus lacaios, nós sabemos que eles não abdicam dos seus fabulosos lucros ao fim do ano, nem dos seus íates, nem das suas vivendas. Eles querem continuar a ser os grandes industriais, os manobreadores de Portugal.

Para que a sua força seja ainda maior uniram-se e logo apareceram 120 milhões de contos.

Então mas o que é isto! Num país de miséria meia dúzia de burhueses juntam-se e logo de suas mãos brotam 120 milhões.

É caso para perguntarmos a nós mesmos o que terão feito esses senhores durante a sua existência para que dos seus bolsos saia tanta nota.

Nós operários sabemos-lo bem, porque nós sai do corpo.

Temos de continuar a trabalhar, mas não podemos nem devemos permitir, que os lucros do nosso labor sejam repartidos como até aqui.

Os nossos patrões investiram capital para criar a empresa, mas nós já lhe pagamos à muito esse dinheiro, parece-me que chegou a altura de travarmos os abusos patronais, por isso camaradas vos digo, não podemos adormecer sob a pena de que quando acordarmos talvez já seja tarde.

COLABORA COM A TUA CLASSE!!!

COLABORA COM O TEU JORNAL!!!

COLABORA COM A TUA COMISSÃO!!!

LUTA POR TI LUTANDO PELA TUA CLASSE!!!

Se estás longe escreve e apresenta as tuas sugestões. Se poderes comparece às reuniões.

Um Operário

## NATURAMA — AS OPERÁRIAS LUTAM

A Naturana Portuguesa Confecções, Lda., é uma fábrica de "soutiens" com capital alemão, com cerca de 80 operárias e cuja produção é na sua totalidade exportada para a Alemanha — segundo a patroa "os soutiens ali fabricados são bons demais para serem vendidos em Portugal". É também mais uma fábrica de confecções de capital estrangeiro, que se encontra numa situação de impasse, num processo idêntico a fábricas do mesmo ramo e não só (Applied Magnetics, e outras).

Os Salários praticados antes do 25 de Abril, eram de 50\$00/dia, para aprendizes, 70\$00/dia, para operárias de 2.ª e 80\$00/dia para operárias de 1.ª. Após aquela data, houve aumentos de salários, passando as aprendizes a ganhar 2 875\$00, operárias de 2.ª 3 300\$00, operárias de 1.ª, 3 500\$00 e encarregadas 4 500\$00. É de notar que o salário mínimo é inferior ao estipulado pelo Governo Provisório. Mas não foi isso, mas sim uma manobra arbitrária da patroa que provocou os acon-

timentos.

Assim, no dia 29 de Julho, as operárias da Naturana entraram de férias e nada fazia prever o que viria a acontecer. No dia 9 de Agosto — deviam entrar no trabalho no dia 12/8 — algumas operárias começaram a receber cartas de despedimento onde se anunciava que a fábrica tinha sido fechada, que dariam às operárias, 12 dias de indemnização e se quisessem alguma coisa da fábrica que o fizessem por escrito.

As operárias regressaram imediatamente à fábrica e verificaram que estava vazia. A patroa tinha tirado de lá as máquinas e todo o material.

Perante isto as operárias começaram logo a movimentar-se, descobrindo e recuperando todo o material que tinha sido levado para uma outra fábrica, a Unitex em Sacavém cujos patrões são também alemães.

Após isto, decidiram-se pela ocupação do seu local de trabalho para evitar que a patroa se apodere de novo do material.

Tal como nos outros casos,

depois de várias entrevistas com o Ministro do Trabalho, a resposta foi exactamente a mesma: "que o Governo estava a tomar conta do caso". Entretanto, as operárias que não podem esperar muito pelas resoluções dos senhores de gravata, resolveram dar um prazo até ao fim do mês de Agosto para a solução do seu problema, a partir do qual, "passaremos a vender o produto do nosso trabalho como meio de subsistência"! Isto é uma forma imediata de luta, que resolverá temporariamente o problema monetário das operárias. Contudo outros métodos de acção têm de ser encontrados por elas, com base na experiência nas lutas da Sogantal, Charminha, TAP, e de forma a ultrapassarem o impasse em que caíram.

lê, assina  
REVOLUÇÃO



# MOÇAMBIQUE

## GANHAR TEMPO PARA EVITAR NOVO VIET-NAM

Um documento de cinco páginas distribuído nas ruas de Lisboa no dia 9 e intitulado "Informação Livre", relata os episódios de Lourenço Marques dos dias 7, 8 e 9. Trata-se dum documento feito pela extrema-direita e a sua distribuição em Lisboa no próprio dia 9 revela que a organização desta gente não é pequena.

Diz o documento que o movimento se começou a gerar após os resultados dos acordos de Lusaka e a leitura pelo Rádio Clube de Moçambique duma mensagem de Samora Machel. Seguem-se então "desfiles" de "multidão", como diz o documento e que nós sabemos corresponderem a assaltos e destruição da saída dos democratas, da cantina da Associação Académica, da revista "Tempo" do jornal "Notícias".

### OBJECTIVOS TOMADOS PELOS FASCISTAS

Mas os actos que se seguiram foram muito mais graves:

Ocupação do Rádio Clube de Moçambique;

Assalto à cadeia de Lourenço Marques e à Prisão de Machava, libertando duzentos agentes da PIDE;

Invasão do Palácio do Governo; Ocupação da Torre do Comando do Aeroporto de Lourenço Marques;

Ocupação do Jornal Diário.

Como se vê, pela importância dos objectivos, isto não foi espontâneo, nem imaginado pela "multidão". Isto foi rigorosamente organizado e revela conhecimentos militares.

### OS DIRIGENTES

Ainda segundo o mesmo documento os dirigentes deste bando de extremistas são Gomes dos Santos, o jornalista Fernando Fernandes, o Dr. Velez Zeca Russo, militar moçambicano e Daniel Roxo, um dos organizadores em 1971 dos "Grupos Especiais", comandos de

choques negros, destinados a combater a Frelimo, ao lado do exército português.

### ORGANIZAÇÃO

Segundo o mesmo documento as "populações" (leia-se os colonos racistas e extremistas) de Tete, Nam-pula, Beira, Porto Amélia, Nacala, Ressano Garcia, Vila Fronteira, Quelimane, Motola, Catambe, Cabo Delgado e Vila Cabral aderiram ao movimento. Na Beira foi assaltado o Emissor do Aeroclube local.

Ainda segundo o mesmo documento (e é de notar o seu carácter alarmista) e também segundo as mensagens do RMC, quando ainda em poder dos racistas, tinham aderido ao Movimento o Batalhão de Caçadores 17, a PSP e os Fuzileiros de Tete, a PSP de Cabo Delgado; e declararam que "milhares de elementos especiais de combate" se encontravam em Moçambique. Estas e outras afirmações destinam-se a alarmar a população e a dar uma ideia de força superior à real.

A linguagem deste documento, assim como o que diz ter-se passado em Lourenço Marques, revela o carácter altamente demagógico e mistificador desta gente, que recorre a frases "revolucionárias", a apelos à "liberdade", a comparações com a independência do Brasil, chegando mesmo a tocar o "Grândola, Vila Morena".

### AS CAUSAS

Curioso é notar que tudo isto revela experiência política; e alguns destes dirigentes não são políticos nem de hoje, nem de ontem. Também não são capitalistas, dos que estão cá e têm o dinheiro em Moçambique. São grandes, médios e pequenos colonos, que defenderão até poderem a propriedade privada de bens que conseguiram pela exploração desenfreada das populações moçambicanas. São a camada mais racista e reaccionária do colonialismo.

Os quatro meses de atraso na declaração oficial de independência deram tempo a esta gente para se organizar. O tempo e a ambiguidade que intervalou entre a nova situação em Portugal criada pelo 25 de Abril e a declaração de independência, permitiu que a surpresa passasse e que os colonos se apercebessem que tinham que tomar medidas. A situação militar em Moçambique, ao contrário da Guiné permitiu, até pela grande extensão da colónia, que os racistas brancos tomassem posições.

Ao contrário do que se apregou como justificação tática, precaução, não precipitação — para o atraso da independência, seria a surpresa na transferência de poderes, com o exército português ao serviço da FRELIMO que permitia que tais factos não se passassem. Mas isso só poderia ser feito por um governo português que fosse revolucionário!

Embora a situação tivesse regressado e esteja de novo dominada pelo Governo Central de Lisboa, aquela gente não desarma e pode recer-se, por aquilo que já revelaram, que voltem ao ataque.

Transformar-se-á Moçambique num Vietname, cumprindo a África do Sul e a Rodésia o papel dos Estados Unidos?

# Revolução

## EDITORIAL

A reacção mostra em Moçambique que não está disposta a render-se. Alarmados pelo anúncio da independência, os colonos tomam posições de forma organizada. São a expressão mais acabada de colonialismo e estão dispostos a travar um combate.

Em Angola, incidentes graves revelam que a batalha pela independência será muito mais grave. Ai é no próprio seio do Movimento de Libertação que chegam as tentativas de sabotagem.

Entretanto em Lisboa, e apesar de a burguesia fascista ter posto as unhas de fora nos últimos tempos, Moreira Batista e Silva Cunha são soltos. Irão para o seio da sua classe, fabricar uma resposta.

Entre os partidos e os movimentos jogam-se jogos que apontam muito para as eleições, mas que nada têm a ver com a defesa dos interesses dos trabalhadores.

Mais do que nunca o problema da unidade é tratado ao nível de cúpula e não é nem a unidade na acção, nem a unidade na base.

A saída do PS da CDE/MDP desencadeou da parte do PC reacções que em alguns casos, se tomam um verdadeiro despudor. A esquerda não-reformista também não é alheia a jogos em torno da unidade, jogos esses em que não entramos.

As manifestações de solidariedade com o Chile foram um espectáculo deste estilo de unidade. Sobre o cadáver do Chile cada qual tentou tirar o seu proveito de propaganda política.

Em relação ao Chile a lutar é uma lição negativa: ai está a história do que se não deve fazer. E tiram-se as conclusões necessárias para o caso português. Essa é a consequência do internacionalismo. E a solidariedade deve ser activa.

Enquanto tudo isto se passa a luta dos trabalhadores chega a um impasse. Mostrando um elevado grau de organização da luta e de perspectivação política, os trabalhadores deparam, no entanto, com situações em que a resposta é difícil, como seja o caso da TAP depois da ocupação pelo Copcon. Só uma análise política global e soluções globais, poderão permitir a ultrapassagem dos impasses.

Os trabalhadores terão de encontrar formas de organização autónomas, mas políticas, permanentes e com meios ao seu dispor, para continuarem a coordenarem a luta.

Compete aos partidos revolucionários analisar a situação, discutir e propor soluções.

## CHILE: A LUTA CONTRA A DITADURA GORILA

Escrito por Van Schowen três meses antes de morrer

Escrito na clandestinidade, em Outubro de 1973 (pouco tempo depois do golpe), por Bautista Van Schowen, membro da Comissão Política do Comité Central do M. I. R.:

«... A luta contra a ditadura gorila é um denominador comum, que mobiliza os mais diversos sectores da população, cujos interesses não são idênticos entre si. A classe operária e as camadas oprimidas do povo impulsionam com ardor a mais ampla unidade e resistência contra a ditadura gorila com todos os sectores do povo que estão dispostos a fazê-lo. Mas reserva o seu direito irrenunciável, a sua independência política e de organização.

O proletariado não só luta contra a tirania, contra esta ditadura; o proletariado luta para libertar-se como classe, para terminar com todas as formas de ditadura que se exerceram sobre ele e sobre outras classes e camadas sociais.

Em nome da luta anti-gorila, o proletariado e todos os sectores explorados e oprimidos pelo capitalismo, não renunciam à luta pelos seus interesses históricos de classe, à luta pelo socialismo. Não renunciaram, portanto, à difusão do

seu próprio programa nem à propaganda independente.

Em nome da luta contra a ditadura, o proletariado não renuncia antecipadamente às formas de luta mais adequadas para conseguir o aniquilamento da ditadura gorila. O proletariado e outras camadas oprimidas têm a obrigação de assegurar por meio da organização a propaganda e o programa independentes, a sua própria autonomia dentro da frente da resistência anti-gorila. Só assim, a luta contra a ditadura gorila poderá converter-se na grande escola que prepare e eduque o proletariado para a realização da sua missão histórica: a conquista do poder, a revolução operária e camponesa, o socialismo.

Dois meses depois de escrever este texto, em 13 de Dezembro Bautista Van Schowen foi preso. Desde essa altura até à primeira quinzena de Janeiro foi selvajamente torturado e entrou em coma no hospital militar.

Alguns dias depois como mostrasse melhoras, foi retirado dali e submetido de novo a torturas. Voltou a entrar em coma no hospital militar. Até que saiu de novo, para não voltar mais. Foi torturado de novo e morreu.



## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCAIDADE .....  
PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral - 60\$00   
Anual - 120\$00

PAGAMENTO: Em cheque   
Em Vale

Fazer assinatura do jornal "Revolução" é uma forma de o apoiar. Apoiar o "Revolução" é apoiar a Imprensa Popular, é lutar contra a informação capitalista, é lutar pelo fortalecimento material e moral de uma imprensa ao serviço das classes trabalhadoras em luta contra todas as formas de exploração.

### ESTRANGEIRO:

Europa: Semest. - 130\$00   
Anual - 260\$00

Fora da Eur.: Semest. - 160\$00   
Anual - 320\$00

De apoio

APARTADO 4117-LIS.-4